

JOHN COREY WHALEY

Quando tudo volta

Tradução
Carolina Caires Coelho





NEM TODO
o idealismo
DO MUNDO
poderia acabar
com essa SENSACÃO



Eu tinha dezessete anos quando vi o primeiro cadáver. Não era de meu primo Oslo. Era de uma mulher que aparentava ter cinquenta anos ou, pelo menos, quase isso. Não dava para ver furos de bala nem arranhões, cortes ou hematomas, então acreditei que ela tivesse acabado de morrer por causa de alguma doença ou algo assim. Seu corpo estava um pouco escondido pelo lençol branco e fino enquanto esperava para ser colocado na gaveta. O segundo cadáver que vi na vida *era* de meu primo Oslo. Reconheci seus sapatos marrons e sujos assim que a mulher que usava um jaleco bem branco segurou a alça metálica e fez força para deslizar o corpo da parede prateada.

— É ele — eu disse a ela.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Os olhos dele estavam fechados. Os lábios, roxos. Em suas mãos havia hematomas e marcas. Não havia nada escondido, já que ele tinha morrido vestindo uma camiseta regata branca, uma daquelas que vestira quase todos os dias de sua vida. Havia algo esbranquiçado nos cantos de sua boca, mas não perguntei o que poderia ser. Não falei muita coisa depois disso. A mulher esperou que eu chorasse ou dissesse “Pronto”, ou



algo do tipo. Mas não fiz nada. Só fiquei olhando para ele. E também não sei se estava pensando em alguma coisa naquele momento. Não estava pensando que sentiria sua falta, que sentia pena dele e nem mesmo que estava com raiva dele. Só fiquei ali de pé como um bobo, lábios entreabertos e olhos grudados em um ponto. Por fim, a mulher de jaleco branco quebrou o silêncio.

— Você precisa de mais tempo? — perguntou ela.

— Não, obrigado. Já basta.

Minha mãe chorou por todo o trajeto até nossa casa. Meu irmão mais novo, Gabriel, estava inquieto, mas manteve os fones nos ouvidos e não disse muita coisa durante a viagem. Dirigi, mas não queria, porque pensei que iria chover. Detesto dirigir na chuva. Queria que meu pai tivesse nos acompanhado para que eu não precisasse bancar o homem a noite toda, dirigindo sem parar e cuidando para que todos comessem e tudo mais. Não me incomodei muito por precisar identificar o corpo. Essa parte teria que acontecer, de um jeito ou de outro. Oslo vinha usando drogas injetáveis desde quando eu conseguia me lembrar. E também, muitas vezes, era um problema para mim. Eu tinha de buscá-lo em paradas de caminhão ou pontos de drogas. Mentia à mãe dele para encobrir seu comportamento idiota e livrá-lo de brigas. Emprestava dez dólares a ele de vez em quando, torcendo para que comprasse comida com o dinheiro, mas sabendo que provavelmente ele não compraria. Fiz de tudo. Nós fizemos de tudo. Eu. Meu pai. Até minha tia Júlia dava dinheiro a ele, desde que aparecesse todos os dias ou a cada dois dias, tempo suficiente para que ela se esquecesse de que havia fracassado em criá-lo direito, tempo suficiente para fazer com que ela voltasse a amá-lo.

Meu pai não pôde ir porque recebeu um telefonema aproximadamente às cinco e meia daquela tarde para levar uns equipamentos de

poço a Harrison. É o que ele faz. Transporta coisas sobre as quais nada sei e nem quero saber. Só sei que alguém precisa de grandes peças de metal que têm a ver com bombeamento de petróleo o mais depressa possível quando telefona para ele. Então, ele parte a qualquer momento do dia ou da noite. Às vezes fica em casa sem fazer nada durante dias, lendo o jornal ou livros sobre pessoas mortas (porque, pelo visto, homens de quarenta e poucos anos só se interessam em ler coisas sobre a vida de presidentes, exploradores ou criminosos). Às vezes passamos duas semanas sem vê-lo, e só ouvimos seus barulhos trocando de trailer no quintal às três da madrugada ou deixando mensagens na secretária eletrônica para lembrar minha mãe de comprar um remédio ou pagar a hipoteca.

Quando voltamos de Little Rock, meu pai já havia partido, e a luz da cozinha era a única coisa que conseguimos ver da rua. Gabriel tinha adormecido cerca de vinte minutos antes, e minha mãe não demoraria muito a acompanhá-lo. Ela se inclinou para a frente e beijou a lateral de minha cabeça antes de sair do carro e caminhou em direção a casa. Abrindo a porta de trás, dei um chute na sola do sapato de Gabriel. Ele se endireitou depressa e levantou os braços como se alguém estivesse prestes a cortar-lhe a garganta. Olhei para ele como se olha para uma pessoa quando esperamos que ela recobre os sentidos — com um misto de frustração e pena — e então o ajudei a ficar de pé. Eu o segui até a casa, e minha mãe já estava no quarto dele, chorando de novo enquanto conversava com Tia Júlia, meio sonolenta. Em pouco tempo ouvimos mais uma voz chorosa, e Gabriel e eu ficamos sentados em minha cama escutando através da parede enquanto Tia Júlia tagarelava sem parar dizendo que queria morrer.

Gabriel adormeceu em poucos minutos, e as vozes do quarto ao lado já tinham quase silenciado. Se ainda estavam falando, tinham decidido sussurrar, talvez levando em consideração os dois adolescentes do





quarto ao lado que precisariam se levantar e ir à escola no dia seguinte. Antes de me deitar, peguei meu diário de capa de couro que estava no criado-mudo e o abri na primeira página em branco que encontrei. Escrevi *Oslo depois da morte*. Seria um ótimo título para um livro, pensei. É o que faço, às vezes. Escrevo títulos para livros que um dia pretendo escrever. *Oslo depois da morte* era o título número 71.

Fechei o diário, apaguei o abajur e olhei para o meu irmão para ter certeza de que não o havia acordado. Ele ainda dormia, com um sorriso incrivelmente sincero no rosto. Gabriel costumava se desligar do mundo. Com hábitos assim, ele não olhava para a frente ao atravessar o corredor da escola. Quando se olha para a frente, é possível evitar um empurrão, uma trombada ou o ataque inconveniente de algum idiota que esteja ao lado do bebedouro esperando por alunos mais novos e com cara de inocente que estejam andando olhando para o chão. Meu problema era que eu não era grande nem valente o suficiente para proteger ou defender meu irmão mais novo de nenhuma maneira, exceto pelo uso inteligente que às vezes eu fazia do sarcasmo como distração. Lucas Cader, no entanto, conseguia afastar os babacas de sempre que gostavam de perturbar Gabriel e seus amigos. Acho que, de certo modo, Lucas acreditava ser parte de sua missão no mundo proteger aqueles meninos. Fico feliz por não ser a minha.

Veja, Lucas tinha poder. Atravessava o corredor e era notado. Todos percebiam o corpo grande de nadador e os cabelos castanhos e despenteados que sempre pareciam prontos para uma sessão de fotos. Notavam que ele sorria para as garotas bonitas, mas sempre dava um jeito de dizer algo gentil ou doce para as não tão belas. Lucas era o único garoto, além de Gabriel, perto de quem eu conseguia ficar, simplesmente porque eu não gostava muito de rapazes. Gostava de garotas e mulheres, mas os garotos me irritavam, na maior parte do tempo.

Tudo vira competição com a maioria deles. Com Lucas, eu podia ser o cara retraído que sou e não me sentir ameaçado. E Gabriel podia atravessar o corredor sem correr o risco de sua mochila ser arremessada na lata de lixo. E Elizabeth Strawn podia se sentir bem consigo durante, talvez, a única vez em que estava com uma espinha enorme no rosto.

Por ter 17 anos e viver entediado em uma cidade pequena, gosto de fingir, às vezes, que estou pessimista. *As coisas são como são e nada pode me tirar disso. A vida é horrível na maior parte do tempo. Tudo é uma droga. A escola é péssima. Você vai para a escola, trabalha por cinquenta anos e, então, morre. Mas não consigo manter isso por muito tempo, porque meu desejo natural de idealizar entra em cena. Não consigo ser pessimista por tempo suficiente para ignorar a possibilidade de as coisas serem extremamente boas. Porém, deitado na cama aquela noite, com meu irmão dormindo ao meu lado, não consegui criar nenhum tipo de idealismo. O telefonema às três daquela tarde. O percurso até Little Rock. E aí a notícia sobre a morte. Era tudo muito real. Não havia qualquer idealismo em ver seu único primo morto e pálido como um fantasma. Não há muito o que idealizar quando você sabe que sua tia está no quarto ao lado chorando em vez de dormir e nada pode ser feito.*

Como a maioria dos adolescentes, eu, Cullen Witter, estava apaixonado por uma bela garota que tinha um namorado grande e valentão que poderia me bater assim que me visse. Ele se chamava Russell Quitman, e eu não ligava muito para o irmão dele nem para os pais. É que às vezes pego birra das pessoas por associá-las a outras. O nome da menina era Ada Taylor, e ela provavelmente poderia me bater também. (Se você ainda não percebeu, quase todo mundo poderia me dar uma surra.)





Se você vive em Lily, Arkansas, e todos nós vivíamos ali, então conhece Ada, ou pelo menos já ouviu falar dela. Tenho certeza de que até umas pessoas em Little Rock e Memphis já ouviram histórias a respeito da viúva negra de Lily.

Veja, Ada Taylor tinha uma história terrível. No segundo ano do ensino médio, quando eu estava no primeiro, ela namorava um idiota chamado Conner Bolton. Conner estava no último ano e fazia questão de aterrorizar todos os alunos do primeiro, que temiam ser pegos andando sozinhos ou perto dos banheiros, dos armários ou das latas de lixo. Mas, infelizmente, ele morreu antes do Natal, em um acidente de carro. Ada estava no carro. Ela saiu sem nenhum arranhão. E então, no ano seguinte, começou a namorar um cara normal, com quem eu costumava jogar videogame no chão do salão de beleza de minha mãe. O nome dele era Aaron Lancaster. Ele não durou nem até o Dia de Ação de Graças, pois morreu afogado no rio White durante uma tempestade. Seu pai encontrou o barco de pesca vazio. Um grupo de busca localizou o corpo dele quatro dias depois. Ouvi comentários de que o corpo parecia ter saído de um micro-ondas.

Depois disso, pareceu quase ridículo namorar Ada Taylor ou chegar perto dela. Entretanto, isso não importava muito para os jovens de Lily, nem mesmo para mim. A filosofia não declarada de todos os apaixonados por Ada era algo do tipo: se eu tiver que morrer para conquistá-la, que assim seja. Contudo, faltava apenas uma semana de aula, e Russell Quitman ainda aparecia a todo instante e ocupava todo o espaço extra da mesa do refeitório com seus bíceps monstruosos. Eu tinha apostado com Lucas que Russell não passaria da Páscoa. Isso me custou dez dólares. Você pode achar meio sádico apostar na morte de um rapaz de 18 anos ou falar sobre isso como se eu quisesse que acontecesse ou algo assim. Isso só seria prova de que você nunca viu Russell

Quitman. Certas pessoas são fadadas a ser aquelas que morrem em incêndios de grandes proporções ou se afogam na corredeira de um rio no meio da noite. Estas são os Russell Quitman do mundo.

O Dr. Webb diz que a maioria das pessoas vê o mundo em bolhas. Isso as mantém confortáveis em seus lugares e no lugar dos outros. O que ele quer dizer é que muitas pessoas, para se sentir bem consigo e em relação às outras, automaticamente dispõem todo mundo em pequenos grupos de estereótipos. É por isso que os garotos que não gostam de esportes ou não praticam sexo indiscriminado são chamados de gays, as pessoas que conseguem boas notas sem estudar são chamadas de nerds, e as pessoas que parecem não se preocupar com nada e têm pouco dinheiro sempre são chamadas de vagabundas. Por ser um aluno CDF e que detesta futebol americano, eu me encaixo em dois desses estereótipos. Isso me custou anotações em Post-its nos quais se lia “Cullen Witter é bicha” colados no meu armário e óculos de aros grandes desenhados nas minhas fotos escolares de todos os anos. O Dr. Webb também diz que a única maneira de lidar com a natureza limitada da maioria das pessoas nascidas no sul e com tendências conservadoras é ignorar por completo sua ignorância ou perpetuá-la usando os estereótipos criados inconscientemente por elas. Resumindo, se eu reclamasse por ser chamado de bicha, seria chamado assim com mais frequência. E, se Sara Burch tivesse ignorado os meninos do quinto ano que a chamavam de nerd, talvez não tivesse se tornado a vadia famosa que é hoje.

Mas algumas pessoas parecem imunes a essa epidemia de estereótipos. São gente como Gabriel Witter, que talvez seja a pessoa mais interessante que já conheci, e não digo isso apenas porque ele é meu irmão. Digo isso porque todas as manhãs, desde que completou 11 anos





mais ou menos, ele acorda antes de todo mundo na casa, sai na varanda e lê um capítulo de um livro. Digo isso porque ele escutava bandas de que nunca ninguém ouviu falar. E já tinha uma coleção de quase cinquenta gravatas quando entrou no ensino fundamental 2, gravatas que ele usava para ir à escola todos os dias. Acho que o mais interessante a respeito de Gabriel é que ele não parecia se preocupar com o que as pessoas pensavam dele. Atravessava o corredor da escola com a cabeça baixa não porque queria evitar ser visto ou dissuadir predadores sociais, ou coisa do tipo, mas porque não via motivo para erguê-la. Demorei um tempo para conseguir andar pelo corredor com a cabeça erguida. Claro, andar ao lado ou atrás de Lucas sempre facilitou muito. Se tivesse que escolher entre olhar para Cullen Witter e olhar para Lucas Cader, qualquer pessoa escolheria olhar para Lucas.

Eu chamava Russell de Para Man por dois motivos. O primeiro era óbvio, pois Man era parte de seu sobrenome. Não há dúvida. Mas o outro motivo pelo qual eu o chamava assim estava muito mais ligado ao caráter dele. Era porque o que mais se ouvia quando Russell Quitman estava por perto eram os gritos da presa na qual ele estava dando uma gravata, ou segurando de cabeça para baixo, ou derrubando no corredor. “Para, Man! Para!” Como Russell Quitman, o Para Man, conseguia ser tão cruel, tão idiota e, ainda assim, namorar a menina mais bonita da cidade? A isso dou o nome de Belo Paradoxo. As garotas belas sempre querem caras que as tratam, e que tratam a maioria das pessoas, como um monte de lixo. Talvez este seja o fenômeno mais assustador da história.

Título de livro número 72: *Coisas boas que acontecem a pessoas ruins.*

Não sei bem por que algo como a existência do Para Man ou de garotas que gostavam dele me surpreendia em um lugar como Lily. Viver em Lily, Arkansas, às vezes é meio como viver na terra esquecida por

Deus. Temos coisas como o Burger King e o McDonald's, e temos até o Walmart, mas se você está procurando mais do que isso vai ter que seguir em frente. Como a maioria das cidades do Arkansas, Lily tem muito de uma coisa: árvores. Em Lily só há árvores e poeira e estradas sinuosas. Também tem água em Lily. O rio White corre pelos limites da cidade, percorre todo o Estado e vai até o Mississippi.

Se você nunca esteve em Lily, e aposto que nunca esteve, precisa saber que ela está localizada quase exatamente entre Little Rock e Memphis. Há 3.947 habitantes, de acordo com a placa verde desbotada no acostamento da estrada que leva para a cidade, e a maioria dos moradores é formada por idiotas que tentaram e não conseguiram sair daqui. Uma coisa diferente em Lily é que, para uma cidade pequena no meio do nada, parece ser um lugar muito limpo e bem-conservado. Lily é o tipo de lugar para onde você gostaria de se mudar por um tempo antes de morrer. Se, em qualquer outro momento da vida, você acreditar que precisa da calma e do silêncio de Lily, Arkansas, então precisa consultar um terapeuta ou permanecer aqui durante uma semana para tentar encontrar alguma coisa um pouco divertida para fazer.

Como tenho poucos recursos interiores, costumo ter dificuldade para lidar com o tédio que se sente vivendo em Lily. Meu irmão nunca parecia entediado, e isso só me irritava mais por perceber que eu me sentia, na maior parte do tempo, deslocado e insatisfeito em tudo o que fazia. Gabriel se sentia feliz lendo um livro, ouvindo música ou andando pela cidade com Libby Truett, seu melhor amigo. Bem, eu só consigo passar um tempo ouvindo música ou lendo um livro até começar a sentir minha mente vagar e imaginar Ada Taylor mergulhando do deque Tilman ou namorando o Para Man fora do Burke's Burger Box.

Naquele dia em particular, dois dias depois de minha ida ao necrotério, decidi telefonar para Lucas a fim de saber o que ele tinha planejado.





— Estou morrendo de tédio.

— Quer dar uma volta? — ele perguntou imediatamente.

— Você vai dirigir?

— Pego você em cinco minutos.

Se você precisasse criar um estereótipo para Lucas Cader, e talvez fosse uma das pessoas que teria que fazer tal coisa, ele se encaixaria perfeitamente no grupo dos mauricinhos e patricinhas. Saiba que eu detesto usar termos estereotípicos como esses, mas é inevitável. Era essa a forma que as pessoas do meu convívio usavam para descrever os alunos do ensino médio que se vestiam bem, tomavam banho com frequência, dirigiam um carro bacana (ou, em Lily, dirigiam um carro que não era o dos pais) ou faziam parte do time de futebol. Sinta-se à vontade para usar o termo que você usaria para se referir a esse grupo se estivesse no meu lugar. Lucas não tinha muito a ver comigo. Ele jogava futebol, para começo de conversa. Em segundo lugar, tinha uma namorada. O nome dela era Mena Prescott, e ela me fazia lembrar da ruiva de *Clube dos Cinco*. Ela também fazia com que eu me sentisse desconfortável porque sempre me abraçava e beijava meu rosto, sempre fazia algo que eu acreditava que ela pensava que eu consideraria lisonjeiro ou sensual, mas que, na verdade, achava irritante e ofensivo. Eu também detestava o sotaque dela. Sei que todo mundo que mora em outros lugares pode ter sotaque, principalmente quem mora no sul, mas, sinceramente, escutar a voz dela me dava vergonha de ser humano, ainda mais do sul.

Lucas fingia amá-la tanto quanto ela pensava que ele amava. Mas era tudo mentira, na verdade.

Quando ele estacionou na frente da minha casa, empurrei a porta de tela com um dedo e escutei a batida no batente quando ela se fechou. O cheiro de colônia dentro do carro de Lucas estava forte.

— Você tomou banho com essa porcaria? — perguntei, balançando a mão diante do rosto.

— Como está a sua tia?

Lucas fazia isso o tempo todo. Você fazia uma pergunta, séria ou não, e ele conseguia se livrar dela com destreza, tocando em um assunto muito importante que causava distração, algo repentino, e seus pensamentos anteriores acabavam ficando para trás, como a minha casa enquanto descíamos a rua Oito, em alta velocidade, em direção à cidade.

— Está um pouco melhor. Está comendo agora.

— E o Gabe?

— Me parece igual. — Pensei na minha resposta. Parecia errada, de certo modo.

— Sabe, ele é legal — disse Lucas.

— Eu gosto dele um pouco — respondi, brincando.

— Sabe, tem um monte de garotos aqui fazendo coisas ruins. Que se metem em apuros e são expulsos da escola, coisas do tipo. E temos Gabriel. Ele se destaca, sabe? Como se fosse melhor do que este lugar, algo assim. Entende o que estou dizendo?

— Sim — falei. Eu não entendia o que ele estava dizendo.

— Eu quase o considero meu irmão menor, às vezes — completou Lucas, de um jeito estranhamente sério.

— Quer comprá-lo por cinquenta paus?

Sempre dava para saber quando Lucas se perdia nos próprios pensamentos, como acontecia quando o assunto “irmãos” surgia. Seu olhar ficava mais intenso, como se estivesse se concentrando no que estivesse à frente dele. E ele apertava os lábios como se estivesse se preparando para assoviar. E só o que nos restava era esperar para ver o espetáculo, esperar para ver se algo brilhante ou catártico apareceria. Em geral, tudo terminava poucos minutos depois, quando Lucas se dava conta de





que estava em uma situação estranha, fazendo as pessoas a seu redor se sentirem desconfortáveis. Lucas Cader não tinha o hábito de fazer as pessoas se sentirem mal, apenas confortadas.

Assim que paramos na frente do Burke's Burger Box, Mena Prescott correu até a janela do carro dele, inclinou-se para dentro e lhe deu um beijo no rosto. Então, deu a volta para o meu lado, bateu no vidro, esperou que eu o descesse e também me deu um beijo no rosto. Enquanto ela se ajeitava no banco de trás, limpei a saliva e o batom da minha cara.

— Você teve mesmo que ver o corpo dele, Cullen?

Ela começou a fazer perguntas antes que Lucas conseguisse subir o vidro e sair do estacionamento.

— Tive, sim — respondi, calmo.

Mena Prescott tinha um passado que não envolvia garotos inocentes e de boa índole como Lucas. Envolvia meu primo Oslo, morto de overdose. Vou resumir o relacionamento dos dois assim: eles se conheceram em uma festa quando ela era do primeiro ano e ele, do último. Deram uns amassos, os dois bêbados, e então se encontraram no mercado, uma semana depois. Passaram várias semanas em um namoro de idas e vindas, até Mena perceber, acredito eu, que Oslo Fouke não passava de um largado viciado em drogas. Aquele momento no carro seria a última vez que Mena Prescott mencionaria Oslo Fouke, pelo menos perto de mim.

Quando você está no banco do passageiro do carro de seu melhor amigo enquanto uma caipira exageradamente animada está no banco de trás reclamando por ter sido humilhada por uma líder de torcida na hora do almoço, sua mente começa a divagar e a pensar em zumbis. O problema dos zumbis é que eles têm que ser mortos. Você tem que fazer isso. Os seres humanos são obrigados a matar zumbis, assim

como os zumbis têm a obrigação de caçar os seres humanos e comê-los. Foi por esse motivo que fiquei imaginando Russell Quitman e o amigo dele, Neil, como zumbis, causando estragos em Lily e matando homens, mulheres e crianças. Eles desciam a rua Principal, arrastando os pés, mancando. Uma mulher gritava da vitrine de uma loja. Um carro passava correndo e batia em uma árvore próxima. A cena foi horrível até *eu* chegar. Caminhando devagar e com muita confiança, eu me aproximei do Para Man e de seu amigo com uma arma em uma das mãos e um machado na outra. Depois de estourar a cabeça de Neil, joguei a arma para o lado e segurei o machado com as duas mãos. O Para Man veio para cima de mim — com os dentes bem à mostra e seu fedor me dando enjoo. Enfiei o machado na perna dele, e ele caiu no chão, segurando minha calça enquanto eu tentava me afastar para lhe aplicar um bom golpe. Tropecei, caindo ao lado dele. Quando seus dentes estavam prestes a morder a carne do meu pescoço, sua cabeça foi amassada por uma bota preta. Olhei para a frente e vi Lucas Cader sorrindo e com uma mão esticada para baixo. Muitas pessoas se reuniram ao nosso redor e gritaram. Os zumbis tinham sido derrotados. “Lucas! Lucas! Lucas!” Os sons nos cercaram quando eu me levantei e procurei meu irmão na multidão. Ele estava sentado, sozinho, na beira da calçada. Estava chorando. Lucas apoiou a mão em meu ombro e sussurrou em meu ouvido:

— Ele vai ficar bem. Vai ficar bem agora.

Título de livro número 73: *Você vai sentir uma picadinha.*

